

Redacção e administração
R. de S. Martinho

AVEIRO

POVO DE AVEIRO

SEMÁNARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,

EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 297

AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.

NUMERO AVULSO, 30 REIS

6.º Anno

O CHRISTIANISMO E JESUS

(Continuado do n.º 1:080, dia de Natal)

Em Jesus, como em todos os agitadores ou revolucionarios, houve tres periodos: o de propaganda pacifica, o de propaganda revolucionaria ou d'acção, e o de execução.

O grande erro de quasi todos aquelles, que se lhe referem, é encara-lo apenas sob um só d'esses aspectos, geralmente o aspecto da propaganda pacifica, aquelle que mais convem ás classes dirigentes e á seita clerical. D'ahi essa lenda do *suavissimo*, do *mansissimo* Jesus, com que especuladores e idiotas ainda hoje atordoam os ouvidos á gente.

Em Jesus juntavam-se todos os defeitos e todas as qualidades dos que possuem o seu temperamento. Hamano, doce, suave, como Luiza Michel, como qualquer dos grandes revolucionarios da actualidade. Intolerante e feroz, tambem, como qualquer d'elles.

No periodo pacifico dizia aos pescadores de Béthsaida, de Magdala, de Corosim: «Que importa a felicidade n'esta terra, em que tudo é mortal? O bem-estar é mais um perigo do que uma vantagem. A verdadeira felicidade só se encontra no céo. E' preciso imitar as aves, que não semeiam e recolhem. Deus as nutre, elle vos nutrirá. Offerecei a face direita a quem vos esbofetear na face esquerda.»

Os pescadores e os montanheses, aos quaes se dirigia com essas *cantigas*, ficavam indifferentes. A doutrina que elles queriam era outra. Jesus percebe-o, reconhece que não formará partido d'esse modo, e resolve-se á propaganda violenta. Tal e qual como qualquer dos agitadores vulgares dos nossos dias.

E ei-lo a dizer:
«Não julguem que vim trazer a paz á terra. Não. Vim trazer a espada. Vim trazer o fogo. Quanto mais depressa ella arder tanto melhor.»

Então, sim. Erguem-se nos ares exclamações d'entusiasmo, gritos d'applauso, como nos comicios dos anarchistas em França e dos republicanos em Portugal. Então, sim!

«De futuro, n'uma casa de cinco pessoas haverá tres contra duas e duas contra tres.»

A essa multidão esfaimada, diz Guyot, (*Etudes sur les Doctrines Sociales du Christianisme*) com toda a avidez furiosa da miseria, mostra um fim positivo: a satisfação immediata dos seus appetites, como resultado d'esta guerra social.

«Asseguro-vos que quem deixar por mim a sua casa, as suas terras, os seus irmãos, irmãs, pae, mãe ou filhos, receberá, desde logo, o centuplo em casas, em terras e em parentes. Muitos que eram os ultimos serão os primeiros e muitos que eram os primeiros serão os ultimos.»

Era uma doutrina funestissima, que implicava a destruição da familia, que os seus proselytos empregaram mais tarde á risca, com terriveis consequencias sociaes. Mas n'aquelle instante era indispensavel crear auditorio, formar partido, armar á popularidade, e os *pés descalços sem comidas de guerra* não aquecem.

E elle, o *mansissimo* Jesus, dava-lh'as, cada vez mais excitantes.

«Será mais facil um camello passar pelo fundo d'uma agulha, que um riso entrar no reino dos céos.»

Conta a parábola do Lazaro, pobre, chagado, deitado á porta do rico, á espera das migalhas que este lhe manda deitar. O pobre morre e vae para o seio de Abrahão. O rico morre e grita das profundas do inferno:

«Pae Abrahão, tem piedade de mim e manda-me Lazaro para que molhe na agua a ponta do seu dedo e me refresque a lingua, porque me devora esta chamma ardente.»

Abrahão responde-lhe:
«Lembra-te de que em quanto Lazaro soffria gozavas tu na vida. Agora elle vive consulado e tu vives nos tormentos.»

Guyot commenta: «E não era porque fosse mau rico. Era só por ser rico!»

Levado n'essa onda de indignação, excitado com os applausos do auditorio, as apostrophes tornam-se cada vez mais violentas:

«Desgraçados de vós, ricos, desgraçados de vós, que hoje estaes fartos e amanhã tereis fome. Desgraçados de vós, que hoje rides e amanhã gemereis, e chorareis.»

Anarchismo puro!

«E então, diz Guyot no livro citado, todos os infelizes cobertos de farrapos, que escutavam Jesus, applaudiam aquellas palavras calorosamente. Começaram a considerar a sua pobreza uma virtude; gostavam de se chamar pobres, fazendo d'essa qualidade o synonymo de *amigos de Deus*.

E o ruído da sua fama espalhar-se a pouco e pouco, entre todos os miseraveis da Judeia, os pobres, os vagabundos, todos os que tinham sido expulsos da sociedade regular pela reacção de revoluções precedentes; aproximavam-se d'elle, vinham escutar o interprete das suas coleras, o adulator das suas aspirações, o homem que personificava as suas necessidades e os seus desejos, por consequencia o seu Messias.

Esta grande corrente de entusiasmo arrastava, ao mesmo tempo alguns homens de classe mais elevada, mulheres nervosas, *déclassées*, ávidas de novidades, Joanna, Suzanna, e, sobretudo, Maria, a grande e bella cortezã de Magdala.

A' medida que essa multidão crescia, uma dupla corrente se estabelecia entre ella e Jesus. Jesus tornava-se cada vez mais o seu fiel interprete; não era mais do que o seu órgão: não era já elle que falava, eram todos esses miseraveis que falavam pelos seus labios. Os deuses só dizem aquillo que lhes fazem dizer.

Jesus tomava sempre a peito ser o mais exaggerado, o mais radical de todos.

Uma mulher estrangeira implora o seu auxilio para sua filha. Os discipulos teem piedade d'ella. Jesus responde: «Não devemos lançar aos cães o pão dos filhos de Israel.» E segue impassivel, para deante.

Por um lado lisongeia as paixões d'essa multidão de desgraçados contra os ricos; por outro lado lisongeia os seus instinctos patrioticos e tanto mais ardentes quanto são mais reprimidos. «Eu só vim para salvar os filhos d'Israel; não vos importeis dos outros» dizia elle aos seus ouvintes.»

Este typo de agitador, de revolucionario ardente, auctoritario, intolerante, como todos, é descripto com o mesmo aspecto por quantos imparcialmente o teem estudado.

«Auctoritario, imperioso, (Renan—*Vie de Jesus*—) não consentia nenhuma opposição. A sua doçura natural parecia te-lo abandonado. Era, por vezes, rude e intractavel. Os seus discipulos, em certos momentos, não o comprehendiam e tinham-lhe medo. O seu mau humor contra toda a resistencia arrastava-o até actos inexplicaveis e na apparencia absurdos.»

Para *mansissimo* e *suavissimo* Jesus, não está mau!

Mas era indispensavel passar do periodo de propaganda revolucionaria ao periodo d'acção. As grandes crises, diz Peyrat, (*Histoire Elémentaire e Critique de Jesus*) querem uma linguagem clara e um procedimento franco; audacia e coragem. Tudo isso teve Jesus.

Resolve-se terminantemente a avançar sobre Jerusalem. Os discipulos querem dissuadi-lo. «Quem não tiver dinheiro que venda a capa para comprar uma espada.» Contradizem-no, elle exaspera-se e exclama: «Trazei-me esses que são meus inimigos, e que não querem considerar-me como rei, e mata-os na minha presença.»

Perante esta vontade manifesta, todos se inclinavam. Guyot descreve muito bem a sua entrada em Jerusalem.

«As prophcias annunciavam que o Messias viria montado n'um burro. Jesus monta no burro, alguns dias antes da paschoa, e põe-se em marcha para Jerusalem, no meio d'uma multidão composta, sobretudo, de galileus. Ora os galileus acabavam de sahir d'uma insurreição e a repressão tinha-os convertido n'um montão de vagabundos e de bandidos, em lueta com toda a ordem social existente.

Agitavam em volta de Jesus ramos de palmeira e d'oliveira, gritando: «Hosana, ao filho de David! Bemdicto seja o rei, que vem em nome do Senhor!»

Os habitantes pacificos, os phariseus, os bons burguezes de Jerusalem, vendo avançar este bando ficaram impressionados.

«Manda-os calar!» diziam elles a Jesus. Mas Jesus, querendo, provavelmente, forçar Jerusalem a tem-lo, longe de os moderar respondia:

«Se elles se calassem, gritariam as pedras!»

Apeia-se em Jerusalem, mas não dorme ahi. No dia seguinte vae ao templo. Os seus discipulos querem-lhe fazer admirar a grandeza das construcções. Jesus responde com desdem: «De todos estes edificios eu vos declaro que não ficará pedra sobre pedra.»

Uma viuva passa n'esse instante e deita uma pequena moeda na caixa das esmolos. Jesus, continuando no seu systema de ataques contra os ricos, exclama: «Deu mais do que os outros. Os outros deram o superfluo; ella deu o necessario.»

Sob os porticos do templo estavam, como hoje se usa com os nossos vendedores de christos e rosarios, vendilhões com objectos destinados ao culto e com animaes destinados aos sacrificios. Jesus, (o *mansissimo* Jesus!) expulsou-os a chicote. Os phariseus, os homens sérios, praticos, positivos, habituaes á castiastica religiosa, dizem-lhe: «Com que direito procedes d'esse modo? Quem te deu auctorisação para isso?»

Jesus (o *mansissimo* Jesus) exalta-se e responde-lhes um anathema: «Maldictos sejaes, hypocritas, sepulchros embranquecidos, bellos por fóra mas cheios de immundicie por dentro, serpentes, raça de viboras, que devorae a casa das vivas, e que, parecendo justos, estaes cheios de iniquidades! Todo o sangue innocente espalhado sobre a terra, desde Abel até Zacharias, recahirá sobre as vossas cabeças e sobre as do povo, que enganaes.»

Julga-se ainda no deserto, e, com aquella fé em si proprio, que contrahiu no meio dos discipulos, exclama: «Lançaes abaixo o templo e eu o reconstruirei em tres dias.» Os phariseus, com um scepticismo tranquillo, replicam: «Levaram quarenta e seis annos a construi-lo e tu queres reconstrui-lo em tres dias!»

Jesus responde-lhes com novas invectivas. O povo, essa multidão que os phariseus desprezavam, que tratavam de vil canalha, ignorante da lei, escutava com avidez essa linguagem que correspondia ás suas paixões. Os phariseus, atemorizados, não ousavam prender Jesus. Jesus julga-se senhor da situação. Deslumbrado pelo seu successo, pela sua impunidade, pela sua inexperiencia de homem do deserto, habituado a não encontrar obstaculos á sua palavra, tendo o echo como resposta, perde a noção da realidade e exclama:

«Desci do céo, sahi de Deus Tudo quanto faz o pae, o faz o filho. Quem me vê, vê meu pae.»

E do alto da vertigem que o perdeu, do alto da popularidade que o proclamava Messias, cahe blasphemo impotente. Todos os prophetas tinham dicto: «Deus é uno.» — «Eu sou o primeiro e o ultimo» dissera o Eterno. O Deuteronomio (um dos livros da Biblia, attribuindo a Moysés) era formal contra todo o impostor que aspirasse áquelle titulo.

Os bandos galileus que o tinham conduzido em triumpho a Jerusalem abandonam-no. Os mesmos que o tinham aclamado procuram pedras para o lapidar.

Jesus diz-lhes:
«Porque me quereis lapidar, tendo eu praticado tantas obras boas deante de vós?»

«Não é por uma boa obra que te quereis lapidar, mas por causa da tua blasphemia, e porque sendo homem te fazes Deus.»

E Jesus mede então a grandeza da sua quéda»

E medindo a grandeza da sua quéda é quando se torna verdadeiramente grande.

Concluiremos no proximo domingo.

O ESPIRITO DEMOCRATICO

Dumouriez, que nós temos visto até aqui defender galhardamente a França e a Republica, e espalhar por toda a parte os principios democraticos, acaba, cheio de despeitos, de rancores pessoais, e de ambições, por atraiçoar a patria e a Revolução.

Então, mais do que nunca, se viu a força admiravel do espirito democratico.

Dumouriez, com o prestigio que lhe resultava das victorias, tinha sobre o exercito, que o adorava, uma influencia extraordinaria. Com essa influencia contava para levar a cabo a sua traição. E não tinha duvidas nenhuma sobre o bom exito final. Pois enganou-se, não obstante o apoio que encontrou no estado maior general.

Do seu lado, estavam os generaes Marassé, Ruault, Vonillers, Nenilly, Dumas de Saint Marcel, Devaux, Montjoye, Armandin, Berneron, Bannes, Jacques Thoudenot, Valence, o duque de Chartres, todos os chefes de tropa de maior importancia, finalmente. Um só general, e esse de pouco prestigio, o hespanhol Miranda, se conservava fiel á Republica.

Tudo estava, pois, do lado de Dumouriez. Contra elle só estava o espirito democratico patriótico. Pois mais uma vez este venceu!

Dumouriez estava senhor da Belgica e da Hollanda. Os reis da Prussia e da Austria, colligados, não tinham força para o expulsar. Então o miseravel, n'uma conferencia havida entre elle e um representante do imperador d'Austria, á qual assistiram alguns dos seus generaes, resolve ir retirando deante dos colligados, abandonando a Belgica e a Hollanda, acabando por avançar sobre Paris, onde destruiria a Republica proclamando a monarchia absoluta.

Mas os commissarios civis da Convenção, que tantas vezes salvaram a democracia e a França, não dormiam. Delacroix, Gosuin, Treillard, Merlin, Carnot e Lesage-Senault reunem-se para resolver. Delacroix, o amigo de Danton, e, como este, amigo de Dumouriez, Delacroix, que já tinha imposto energicamente ao general, como vimos no artigo anterior, o respeito da lei, é o que se mostra mais intransigente e resolutivo n'essa reunião. Propõe que Dumouriez seja preso immediatamente. Os outros commissarios ficam assustados. «Lança-se-ha sobre nós, exclamam, a responsabilidade d'um acto de tau-

José Maria Soares

medico e cirurgião pela Escola Medico-Cirurgica do Porto

CLINICA GERAL

Consultas todos os dias das 10 h. em diante

Chamadas a qualquer hora

R. dos Mercadores — AVEIRO

ta gravidade, agora que o exercito está em plena derrota. (Dumouriez fingia que retirava deante de forças inimigas superiores, ignorando ainda os commissarios todo o grau da traição, e hesitando ainda mesmo em aceitar Dumouriez como um traidor.) Se, depois d'essa prisão, accrescentavam, o exercito, que confia cegamente em Dumouriez, soffre um grande desastre, a culpa recae toda sobre nós, e a Convenção não hesitará em nós fazer subir o cadafalso.»

— Pois bem, responde Delacroix, irei eu sóinho prender Dumouriez á frente do seu exercito e faço-lhe saltar os miolos se elle tentar resistir á auctoridade da Convenção.

— Ou vamos todos ou nenhum, responde Treillard.

— A medida, objecta Carnot, é mais vigorosa do que prudente.

Os commissarios discutem longamente e acabam por resolver dar ordem a Dumouriez que compareça em Lille, para ali poder ser preso com mais facilidade.

Mas Dumouriez é que não cahiu n'essa e responde com ironia e sarcasmo que estava muito occupado com a retirada do exercito e que não podia ao mesmo tempo commandar e declamar. «Se eu fosse a Lille, o exercito ficaria receoso e então eu não entraria n'essa cidade, sem duvida, senão com as tropas sufficientes para a limpar de todos os covardes que fugiram e que me caluniam. Mandae-me dois ou quatro d'entre vós para me interrogarem. Responderei a tudo com a minha verdade conhecida.»

Os commissarios, ao receberem a carta de Dumouriez, exclamaram unanimemente: «Partamos todos.» E preparavam-se para isso quando nova carta do general em chefe os fez adiar a partida. Dumouriez annunciava-lhes que o exercito estava na maior penuria; que se via forçado a continuar a retirada; que no dia 31 de março estaria em Saint-Amand e que n'este ponto esperaria os commissarios para lhes dar as explicações que elles exigissem.

As opiniões dos commissarios ainda então se dividiram. Delacroix e Gossuin queriam que se partisse immediatamente, porque a mais leve demora, diziam, poderia ser funesta á Republica. Mas os outros objectavam que isso seria ir contra os desejos do Comité executivo, que não queria prejudicada a defeza nacional, e que, em tal caso, o que convinha era interrogar Dumouriez depois de concluída a retirada do exercito.

A retirada terminou, enfim, a 31 de março. Os commissarios decidiram chegar no dia 1 de abril a Saint-Amand. Alli, retirar-se-hiam a um gabinete particular para deliberar, depois de terem ouvido Dumouriez; fa-lhiam prender e substituir immediatamente pelo general mais antigo e annunciariam o caso aos soldados por meio d'uma proclamação. Não dissimulavam o perigo da sua missão; mas contavam com a confiança, que inspiravam ás tropas. Todos estavam armados. Delacroix, mais resolutivo do que nunca, disputava a honra de punir o traidor. «E'

preciso, dizia elle, que Dumouriez obedeça; se fizer um movimento, peço-vos licença para o derribar com um tiro de pistola.» Veremos no numero seguinte como terminou este curiosissimo incidente.

TRANSCRIPÇÕES

Os nossos collegas *Nove de Julho*, de Beja, e *Voz Publica*, d'Evora, e *A Voz da Justiça*, da Figueira, transcreveram duas das nossas ultimas *Cartas d'Algueres*. Agradecemos.

O CONVENTO DAS CARMELITAS E OS Reaccionarios d'Aveiro

Alguem nos escreve a dizer-nos que nem todos os francaceos são contra a obra projectada. Valha-nos Deus! Nós não podemos conhecer a opinião individual dos francaceos de Aveiro. E' evidente. Só temos obrigação de conhecer a sua opinião collectiva. E essa é fornecida pela ignobil papeleta que na imprensa os representa. Pois não é assim? Se querem que os outros saibam que não estão d'accordo com a gazeta immunda, que protestem publicamente.

Ora a gazeta não tem feito outra coisa senão insinuar infamias, como é o seu costume. E' ver como ella continúa a atrapalhar com a rua do Loureiro, no proposito torpe de contrariar a obra da Avenida. E' ver como ella applaude a representação da *confraria*; o *brado do burro*, queremos dizer do *Papa Sellos*; a projectada representação da commissão dos monumentos nacionaes, e assim por deante.

Que querem que julgemos? Mas ha mais. Lemos correspondencias de Aveiro em varios jornaes do paiz escriptas em tom e estylo de haver em Aveiro uma grande opposição á obra projectada. De quem? Do Lontro, do Papa Sellos, e quejandos? Esses são meia duzia. Os francaceos não são muitos. Mas sempre são bem mais.

Se a questão é só dos fanaticos, então é ridiculo dar-lhe tanta importancia. Se é dos reaccionarios do Carmo e companhia, então nunca nós nos enganamos.

Seja como for, nós, francamente, não damos demasiada importancia ás opposições reaccionarias em Aveiro. E' bom estar de atalaia e estigmatizar os manejos da cambada suja. Mas suppôr que a população de Aveiro, cujo espirito liberal é conhecido em todo o paiz, possa acompanhar um movimento reaccionario, é, na verdade, offensivo dos brios e do decoro da cidade.

Não pôde ser. E não ha de ser. Também nos informam que o elemento clerical retinto anda tão exasperado que ameaça *fazer coisas nunca vistas*. Pois olhem: o que admira é os senhores ouvirem as ameaças e não castigarem, immediatamente, os insolentes que as fazem. O que elles precisavam era logo com um vergalho por a cabeça abaixo. E deve-se esse desforço ás honradas tradições de Aveiro.

Que elles discutam, vá. Que tenham a audacia de ameaçar, achamos forte. E' insolencia que degenera em vergonha, ficando impune. Não temos medo d'um movimento d'elles. Não temos medo, portanto, das ameaças. **Mas só ouvi-las é vergonha.** E entendemos que todos os filhos de Aveiro, com amôr ás tradições honradas da terra em que nasceram, **teem o dever de as repellir a pau.**

Já n'outro dia aqui dissemos que os reaccionarios de Aveiro estão pedindo uma **carga de pau**. Nem mais, nem menos. Essas insolencias não se admittem. Um reaccionario é um tolerado, como as prostitutas. O espirito moderno não os pôde admitir d'outra maneira. Que façam as indecencias ás occultas, longe das vistas do pudor e fóra das ruas de mais decencia e civilisação. Fóra d'isso, **bate-se-lhes**. Dá-se-lhes um pontapé, como n'um cão.

Bate-se-lhes. Mas dizemos isto muito a sério.

Em Aveiro, pelo menos, **bate-se-lhes**. Vá lá que n'outra terra haja mais condescendencia. Em Aveiro não a pôde haver. Não a deve haver. E' uma affronta. Discutam e protestem serenamente. Mas ameaçam? **Correm-se a caceté. Quebrase-lhes a cabeça. Esmurra-se-lhes a cara.**

E' verdade: e porque não se lhes ha de applicar a lei de 13 de fevereiro?

E' verdade! Ai, pois elles ameaçam fazer **coisas nunca vistas**? E' boa! Nós queremos, como ninguem, a eliminação da lei odiosissima. Queremo-la extincta para todos. Mas elles, não. Elles são uns grandes partidarios do infamissimo attentado! Elles acham a lei excellente!

Sr. governador civil, tenha v.ª ex.ª paciencia mas não tem remedio senão proceder com todo o rigor contra esses brejeiros. Elles nada fazem. Mas supponhamos que tentam qualquer coisa. Dê-lhes para baixo! Se v.ª ex.ª fosse capaz de mandar o Papa Sellos para Timor, onde já deveria andar ha muito tempo, ficava v.ª ex.ª seudo um dos maiores benemeritos de Aveiro.

Quanto á manobra intentada com a rua do Loureiro, nós continuamos a dizer: pela nossa parte não só applaudimos calorosamente a sua abertura até ao caes, e o seu alargamento até 10 metros, como subscorremos para isso, se quiserem abrir uma subscrição. E havemos de dar mais do que muitos dos tratantes que se esfalfam a gritar por esse meliõramento de preferencia ao outro da *Avenida do Terreiro*.

Nós queremos os dois. Os dois? Um cento, se tanto for possivel.

Venha tudo. E bem vindos sejam elles.

REFORMAS MILITARES

Começaram as propostas ministeriaes na camara dos deputados. E foi o primeiro a apresenta-las o sr. Sebastião Telles.

As reformas militares são d'alcance inteiramente nullo, como, aliás, era de esperar. Nem o actual ministro da guerra, nem nenhum, é capaz de uma reforma profunda no exercito. Não passam d'umas miserias questões de detalhe, sem significação e sem importancia. E dizemos sem significação e sem importancia porque nas mesmas questões de detalhe se poderia fazer alguma coisa d'util, se os ministros soubessem e *quem tudo manda* deixasse.

Mas adeante, que todo o mundo anda contente. Até os jornalistas republicanos ficaram extasiados deante das manobras realisadas em frente do imperador da Alemanha!

MAU É!

O *Progresso de Aveiro*, escrevendo sobre a questão do convento, dizia na quinta-feira:

«A obra em projecto ha de ir para a frente, custe o que custar; e ainda mesmo que os reaccionarios de alto cothurno **consigam forçar o governo a impedir o corte** d'uma resumida parte do convento das carmelitas, que nada tem, absolutamente, que a recomende como peça architectonica, a avenida construir-se-ha, a despeito de tudo, embora a mole negra e carcomida do convento fique, como um monstro antigo, a proclamar a covardia d'uns, a infamia d'outros e o triumpho de meia duzia.»

Mau é, mau é, esse annunciado triumpho dos *reaccionarios d'alto cothurno*!

Pois bem. Será então que nós entraremos em scena para dizermos *verdades amargas*, como de costume.

Ao bispo, e a todos.

O PEQUENINO DOMINGOS

O pequenino Domingos, o nosso marechal de Liliput, perdeu as estribeiras. Que disparate, compadre, que disparate!

Olhe que não nos desagrada assim! Não sabia? Pôde crer. E vae ver.

O compadre diz que não precisou de muletas para atravessar a ponte e ir á rua d'Alfandega dar lições d'energia, de honradez e de honestidade. De vileza, compadre, de vileza. E é facilimo prova-lo. A rir, que nós não estamos indignados. Pelo contrario. Assim é que nós gostamos de o vêr.

De vileza, compadre, de vileza. Nós já aqui temos dicto que você tem algumas qualidades boas. E tem. Mas tão poucas, ao pé das más que o enchem e adornam, que, bem examinadas, mal se vêem.

O que você é, compadre, é um hypocrita. Um formidavel hypocrita. E com essa hypocrisia tem enganado meio mundo. Menos a nós, que desde a fundação do centro republicano em Aveiro que o ficámos tendo na conta de *homem de duas caras*.

Que tinha você que dizer na rua d'Alfandega? Se você fosse um homem correcto, seria o unico a não dizer uma palavra, porque era aquelle que, d'entre todos, tinha menos auctoridade para falar. Falando você, e não falando os outros, você demonstrou, simplesmente, que era um homem grosseiro, um insolente, um agiota. Onde está a sua bondade de coração e de caracter?

Pois os outros, que não deviam favores alguns á pessoa de que se trata, que não tinham sido seus companheiros, seus amigos, que tinham tantos encargos ou mais do que você, são delicados, são correctos, são humanos, e é você, a quem a victima tinha dado sommas e sommas a ganhar, de quem você abusou escandalosamente, levando-lhe trinta e quarenta por cento a mais do que licitamente era permitido, que tinha sido seu correligionario, seu companheiro, seu amigo, é você que se permite dizer insolencias, dar conselhos affrontosos, esquecer todos os melindres d'uma situação delicada, e ainda por cima vem em publico confessar, como um titulo de honra, essa acção indecorosa?

Que você era estúpido, sabiamolo nós ha muito anno. Mas tanto, francamente; não suppunhamos.

Credor de quê? Devedor. Devedor d'uma longa amizade, que produzia em seu favor uma defeza calorosa sempre que você era accusado, porque nunca faltou em Aveiro quem o conhecesse, e, portanto, quem o accusasse. Devedor d'uma preferencia que lhe fez a você ganhar rios de dinheiro, em prejuizo d'esse que perdia aquillo que você ganhava, isto é, que você exaggeradamente lhe levava.

Você não era um credor. Você era um fiador. E o que perdeu da sua fiança?

Egual á sua estupidez, Domingos, só a sua maldade.

Pois você explora um homem durante largos annos, abusando primeiro da sua amizade e generosidade, e depois da sua má situação que você ajudou a crear, você explora esse homem vendendo-lhe contos de reis de drogas trinta a quarenta por cento mais caras do que aquillo que regularmente era admittido, e, pelo facto de ter sido fiador d'uma quantia emprestada a esse homem, não só se permite abusar da sua má situação para o vexar, deprimir e injuriar, como ainda tem a audacia estúpida de proclamar hoje que esse homem *deveria beijar o chão* onde você põisa as patas grosseiras e pesadas, sendo certo que você não perdeu cinco reis pela quantia de que era fiador e de cuja responsabilidade está liberto ha muito tempo?

Oh! Como você é estúpido e mau!

Mas todos os seus actos de generosidade são assim. Todos! Qual é o homem que você ajudou, que

você levantou, a quem você deu a mão em Aveiro? Diga lá!

Se o outro, depois do que fica referido, tivesse de *beijar o chão* que as suas patas pisassem, o que havia de fazer aquelles a quem elle nunca prestou serviço nenhum, que assumiram em favor d'elle encargos tão grandes ou maiores do que os seus, e que nunca lhe disseram insolencias nem lh'os lançaram em rosto?

Comtudo, você é que é o santo, você é que é o homem generoso, você é que é o magnanimo. Você é mas é um grande hypocrita, além de estúpido e mau.

De tal fórma que você, que está para ali a apregoar generosidades, não duvidava sacrificar a quantia de que era fiador, ou parte d'ella, á conveniencia de arrasar o homem da rua d'Alfandega. Todo o seu plano era esse. E é você o magnanimo! O que você não queria, com a sua formidanda hypocrisia, era assumir abertamente a responsabilidade d'esse acto. Queria dar a punhalada ficando a fingir de salvador. Para isso foi preparando tudo. Mas quando viu que lhe falhava o plano, disparatou e desmascarou-se. Só então!

E por odio ao homem? Não. Por odio ao *ovo de Aveiro*, que você, e os da sua grey, odiavam ha muito tempo. Tinham-lhe experimentado as garras por mais do que uma vez. Estavam certos de que teriam de lh'as experimentar ainda. E conceberam o infernal plano de annullar um homem, convencidos de que, sem elle, o redactor principal d'este periodico ficaria sem uma pessoa da sua confiança, e, teria, por isso, de suspender a publicação do *Povo de Aveiro*. Era esse o plano. E só esse. E se houvesse duvidas n'esse ponto, que não havia, bastaria ler aquillo que, por influencia sua, ou representando o seu modo de vêr e dos da sua grey, foi escripto agora a nosso respeito, para que não restassem duvidas nenhuma.

Você, homem de duas caras, odiou sempre este semanario. Mas odiou-o mais depois da questão da frente da estatua. Mas acabou de odiar quando preparou, com a sua passagem para os francaceos, a sua apostasia revoltante. E depois de se ter aproveitado, largamente, do periodo prospero d'aquelle que, tendo sido o primeiro mestre d'obras em Aveiro, foi, n'essa qualidade, quem mais dinheiro lhe mettu no bolso a você, depois de se ter aproveitado, para exercer então na venda dos productos uma usura escandalosa, do periodo de adversidade do mesmo individuo, periodo revoltante da perseguição d'outra *santa creatura*, que, sem nenhum escrupulo de consciencia, incitou varios proprietarios a entregarem as suas obras a verdadeiros sarrafaques que lh'as estragaram, depois de se ter aproveitado d'isso tudo, ainda tentou afofegar o seu antigo companheiro, o seu antigo amigo, o seu antigo correligionario, só para se livrar da ameaça que este jornal representava para si e para os seus, não o podendo afogar, vexou-o, sem titulos de credor que lhe dessem direito a dizer uma palavra, e no meio d'outros, que não tendo os motivos que você tinha para respeitar o seu amigo o respeitavam, no entanto, e ainda agora tem a audacia estúpida de apregoar o seu feito e de se proclamar um bom e um benemerito, não tendo, em opposição a tanto dinheiro que ganhou, perdido cinco réis.

Que odiosa creatura!

De resto, você em tudo foi, em tudo é o mesmo. Que digam ainda hoje os pintores, os marceneiros, os mestres d'obras, como o *benemerito* presidente da *Associação Commercial* é modico nos preços. Que digam todos os seus antigos amigos o que elle lhes tem feito, e como tem procedido com elles, sempre que se metteu de permeio a mais insignificante questão de interesses. Que digam os empregarios da secca do bacalhau, e tanta gente que n'esse serviço se empregava, os esforços que o *benemerito* presidente da *Associação Commercial*, o

patriota, empregou, para que esse serviço continuasse fazendo-se entre nós.

A empresa da secca do bacalhau cessou com a sua exploração. A Associação Commercial indagou da causa? Empregou os meios para que continuasse aqui aquella laboração? Aconselhou o commercio local a gastar o bacalhau, não o mandando vir de fóra enquanto o houvesse aqui?

Emfim, nós teriamos muita coisa que dizer. Mas achamos melhor ficar por aqui, resolvidos a não voltar a este assumpto, a não ser que o pequenino Domingos tenha extremo prazer n'isso, porque, n'esse caso, é nosso dever dar-lhe alegria.

III.º e Ex.º Sr.

A Direcção da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa communica a V. Ex.ª que tendo sido adlada para o dia 7 de maio proximo a Inauguração do Congresso e para o dia 11 do mesmo mez a da Exposição, a entrada de apparatus, machinas, productos e gados será regulada pela forma seguinte:

A entrada de apparatus, machinas e productos termina no dia 20 de abril proximo, e os objectos que forem apresentados, depois de essa data poderão não ser recebidos.

A entrada de animaes destinados á Exposição começa no dia 6 de maio e termina no dia 9, e pôdem também deixar de ser recebidos os que se apresentem depois d'essa data.

Os productos de facil alteração, taes como leite, etc., poderão entrar até á vespera da abertura da Exposição, e ser substituídos quando o expositor o julgar conveniente.

Lisboa, e secretaria da Real Associação, em 27 de março de 1905. O presidente da direcção, Francisco Augusto de Oliveira Feijão.

Aos nossos assignantes

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de que estamos procedendo á cobrança das assignaturas, esperando dever-lhes o favor de pagarem o recibo logo que lhes fór apresentado, para nos pouparem demoras e prejuizos na cobrança, sempre prejudiciaes ás empresas jornalisticas.

O «Povo de Aveiro» só poderá continuar a sua obra de evangelisação de principios e defeza da verdade com o auxilio dos seus assignantes, pois todos comprehenderão as difficuldades que encontrará pela frente um periodico que ousa, como este, erguer a cabeça, n'um meio tão corrompido como o nosso, para dizer sómente o que se lhe afigura de justiça, sem se prender com preconceitos, nem com interesses de grupos ou individuos.

Não procuramos tirar da publicação do «Povo de Aveiro» proventos nenhuns, como nunca tirámos. Procuramos só mantê-lo com independencia e altivez honesta.

Aquelles dos nossos assignantes, que residem em terra onde o correio não faz cobrança, pedimos o favor de nos enviarem sem demora a importancia das suas assignaturas em vale do correio.

Aos que de prompto satisfizeram o importe das suas assignaturas, o nosso agradecimento.

«POVO DE AVEIRO» — Em Lisboa, vende-se na tabacaria Monacc.

Da Folha do Fundão, transcrevemos o Padre Nosso dos Typographos que se segue:

«Chefe nosso que estaes na redacção, (ou fóra d'ella) muito bons dias, vamos distribuir; venha a nós os originaes, (a tempo e horas); seja feita a vossa vontade na composição como na impressão; o salario de cada dia nos dae no sabbado; perdoe-nos as gralhas, assim como nós perdoamos a má letra e as terceiras provas; não nos deixeis, senhor, cair no somno, livrando-nos de trabalhar de noite (e de afogadillo). Amen.

EPHEMERIDES DEMOCRATICAS

10 de abril.—D. Pedro I do Brazil, embarcado n'uma nau ingleza, faz odiosas exigencias de dinheiro ao governo brasileiro, 1831.

11 de abril.—Decreta-se que a dignidade de par do reino se herde por varonia de legitimo matrimonio em linha recta descendente com representação perpetua, 1845.

12 de abril.—O duque da Terceira com as forças liberaes ataca os miguelistas e derrota-os, 1834.

13 de abril.—São condemnados á morte e guilhotinados, 1794, o bispo Gobel, Chaumette, a viuva de Hébert, a viuva de Camillo Desmoulins, e outros.

Chaumette pagava na guilhotina, como Clootz, como Hébert, o crime de ser livre pensador. O feroz e intolerante Robespierre tudo perdoaria, menos a audacia de não se acreditar em Deus.

Gobel era guilhotinado pelo mesmo motivo. Arrastado pela communa, de que Chaumette era representante, ousara resignar todas as suas regalias e privilegios de bispo, falando uma linguagem livre que não podia agradar ao futuro sacerdote do Ser Supremo.

Mas as mortes mais odiosas d'esse dia são as de madame Hébert e madame Lucilia Desmoulins.

Aulard, publicando o fac-simile da ordem de prisão contra madame Desmoulins, escreve, no seu livro *Études et Leçons sur la Révolution Française* (première serie):

«Emfim, no negocio dos dantonistas, o mais odioso e imperdoavel, e que ficará eternamente imperdoavel, é ter-se mandado ao cadafalso a mulher de Camillo Desmoulins, a graciosa e inoffensiva Lucilia. Desoito membros dos comités tinham assignado o mandato contra Danton; só oito tiveram dureza para se associarem ao assassinato d'esta mulher, cujo unico crime era ter chorado alto a sorte do marido; oito, sómente, tiveram o desaforo de dar ouvidos á lenda da cumplicidade de Lucilia na pretendida conspiração das prisões, e, entre esses oito, aclava-se Carnot (Aulard pinta este Carnot, aliás homem de grande merito, como um feroz assassino) cuja mão, como se pôde ver do fac-simile, não tremeu assignando a ordem de prisão contra essa pobre mulher, da qual conhecia muito bem a alegria e a frivolidade ingenua para a poder julgar conspiradora.»

14 de abril.—Covarde assassinato de Lincoln, o generoso emancipador dos escravos, 1865.

Abrahão Lincoln, Presidente da republica dos Estados Unidos, no Kentucky a 12 de fevereiro de 1809. Um dos seus antepassados que pertencia á seita dos quakers foi estabelecer-se pelos annos de 1650 na America no estado de Virginia, que os seus descendentes abandonaram para irem como colonos para o Kentucky. O avô de Abrahão foi ahí morto pelos indios, e o pae morreu novo, deixando a viuva com tres filhos, dos quaes o futuro presidente, que tinha então apenas dez annos, era o mais velho. Essa pobre familia foi buscar meios para viver no Illinois, onde Abrahão para ajudar sua mãe foi successivamente guardador de gado, barqueiro, e por fim fabricante de travessas e palinadas, d'onde lhe veio a alcunha de Rail Spletter que conservou depois.

Em 1830 proximoamente dirigiu-se para a fronteira de Illinois onde passou dois annos empregado nos mais rudes trabalhos, até que desejando aproximar-se do mundo civilizado, fez-se conductor de jangadas no Wabash e no Ohio. N'esse tempo aproveitava alguns momentos de descanso para ler jornaes e revistas baratas que podia apanhar, e das suas pequenas economias ia comprando alguns livros elementares para augmentar os seus limitadissimos conhecimentos.

Agradando-se especialmente da geometria estudou agrimensura, e quando lhe pareceu estar sufficientemente instruido percorreu o seu estado do medindo propriedades, avaliando a

superficie das terras incultas, etc., e esta nova occupação dava-lhe soffri-veis interesses, até que a estagnação dos negocios em 1837 o obrigou a vender os instrumentos, a voltar á sua profissão de rail spletter, e depois fazer-se moço nos vapores do Minnipi.

Tendo reunido algumas economias abriu em Decatur uma pequena merceria, e á noite depois de fechar a loja entretinha-se em ensinar creanças e operarios. D'ahi a pouco entrou para o escriptorio d'um procurador, d'onde saiu para fundar com M. Sevást um escriptorio de advogado, que em breve se acreditou e teve grande numero de clientes. Os seus cidadãos elegeram-n'o para a legislacção do Illinois e depois para o congresso de 1847 a 1849.

Em 1858 apresentou-se candidato a senador contra Stepheu Douglas, mas d'ahi a dois annos ganha a eleição da presidencia em que tinha por competidores Douglas, John Bell e Breckeuridge.

A's oito horas e meia da manhã de 11 de fevereiro de 1861 o novo presidente deixou Springfield, sua residencia habitual, e durante a sua viagem foi acolhido em toda a parte com as mais brillantes ovações, preparadas pelo partido abolicionista, que assim celebrava a victoria que tinha alcançado na eleição. Entretanto os estados do sul preparam-se para uma guerra fraticida e mesmo durante a viagem de Lincoln alguns estadistas e banqueiros do sul preparam uma cilada, da qual elle prevenido a tempo se escapa alterando o itinerario e embrulhando-se n'um capote militar.

A 4 de março de 1861 inaugurou Abrahão Lincoln a sua presidencia com um discurso de idéas moderadas e conciliadoras, mas em resposta a esse pacifico programma os separatistas do sul começam as hostilidades na Carolina do Norte, e apoderam-se do forte Seuster. Lincoln, tão moderado ainda na vespera, reconhece então a necessidade de proceder com energia para suffocar a revolta e d'ahi por diante a biographia de Lincoln confunde-se com a historia da guerra civil entre o Norte e o Sul.

Durante essa immensa luta Lincoln mostrou-se um organisador de primeira ordem, cria exercitos de terra e mar, levanta milicias, nomeia generaes, dirige os negocios publicos, defende os seus actos nas camaras, aproveita-se habilmente de todos os expedientes diplomaticos e corôa essa grande obra politica com a emancipação dos escravos.

Reeleito presidente em novembro de 1864 conduz a guerra ainda com maior energia e no 1.º de abril de 1865 Richmond, capital dos confederados, é tomada pelo general Grant, e oito dias depois Lee, derrotado em Burkesville, depõe as armas e capitula.

Apenas sae da terminação da luta não pensa senão em concordia e em curar as feridas abertas por essa tremenda guerra, mas nem teve tempo de realizar as suas idéas, nem sequer mesmo de gosar o seu triumpho.

Na noite de sexta-feira santa, 14 de abril de 1865, dirigiu-se ao theatro com sua esposa e no meio do espectáculo, quando o presidente estava rindo alegremente das engraçadas peripecias do *Our american cousin*, que se representava, ouviu-se um tiro e no mesmo instante um homem saltar do camarote para o palco com um punhal na mão e gritando: *Sic semper tyrannis. Está vingado o sul.*

O presidente tinha recebido uma bala na cabeça, e sendo levado para uma casa na proximidade do theatro, ahí falleceu na manhã seguinte ás sete horas e vinte minutos.

As exequias de Lincoln foram feitas com toda a solemnidade, e todos os parlamentos europeus se associaram ás manifestações de sentimento dos Estados-Unidos pela morte do grande libertador dos negros.

15 de abril.—Sublevação popular no Minho chamada *Maria da Fonte*, 1846.

16 de abril.—São supprimidos os juizes eleitos, augmentadas as attribuições dos ordinarios e criam-se mais 30 comarcas novas, 1874.

INFORMAÇÕES LOCAES

Novo juiz.—Tomou posse, na quinta-feira proxima passada, de juiz de direito d'esta comarca, o novo magistrado que para aqui foi transferido ultimamente. Ao acto assistiu bastante gente.

O novo juiz discursou, prometendo distribuir justiça recta por todos, não se importando já-mais com pedidos de ninguem, por isso que a sua politica só n'isso consistia.

Festas de Maio.—Constanos que vamos ter este anno festas rijas em Aveiro por occasião da solemnidade á Santa Joanna. Asseveram-nos que ha 13 musicas inscriptas para o certamen que tem logar no jardim publico, havendo por essa occasião corridas de bicycletas, regatas e outros attractivos de monta.

Mais nos dizem que haverá comboios reduzidos, bellas ornamentações e illuminações na cidade e que para isso já estão nomeadas commissões nas respectivas ruas.

E' isto o que nos dizem, acrescentando que é a direcção do novo «Club dos Gallitos» que tomou o encargo da ornamentação das ruas.

Representação e manifestos.—Distribuiram-se esta semana dois manifestos liberaes e em que se advoga as vantagens da abertura por completo da avenida do edificio do Terreiro á rua Direita.

Tambem ahí corre uma representação que é coberta de assignaturas, pelo partido liberal de Aveiro, em opposição a uma outra que a jesuitada enviou para a commissão dos Monumentos Nacionaes com meia duzia d'ellas.

Desenganem-se: Aveiro é e continuará a ser a cidade liberal, que sempre foi e, por isso, não admittirá já-mais imposições de fanaticos aticados pelos papavellos reaccionarios.

Nunca!

O tempo e a agricultura.—Tem chovido e ventado toda a semana. Os campos apresentam-se por isso muito verdejantes e as novas sementeiras vão feitas em maré de rosas.

A nascença de vinhos é es-pantosa e julga-se superior á do anno passado. Já se trata de preparar vasilhame na expectativa d'um anno abundante. Vae por isso o vinho descendo de preço.

A quem compete.—Rara é a vez que passamos pela estrada que d'Ilhavo segue para a Costa Nova, que não vejamos pela matta florestal bandos de garotos d'Ilhavo e da Gafanha derrubando e quebrando os ramos das pequenas arvores, em procura de ninhos de passaros. Isto representa um vandalismo e uma deshumanidade. E os garotos preferem aquelle local para taes explorações vandalicas por não lhes dar trabalho o subirem ás arvores.

Tambem alli temos visto praticar roubos de ramada de giesta e outras plantações, bem como ervagens, sem que ninguem se incomode com tal cousa. E isto duzias de vezes.

Ora como esta destruição é um grave prejuizo para o Estado e um perigo para o assorramento da estrada, pois aquellas só alli foram collocadas para segurança dos areas, pedimos a quem tem interferencia

n'este serviço as mais energicas providencias e confiamos que o abuso acabará. Assim o esperamos.

Mercado de Aveiro.—Os preços dos generos porque correm no mercado d'esta cidade, são os seguintes:

Feijão branco (20 litros)...	1\$000
» encarnado.....	1\$100
» manteiga.....	1\$000
» amarello.....	1\$000
» misturado.....	800
» caraça.....	1\$100
» frade.....	750
Milho branco.....	840
» amarello.....	820
Trigo gallego.....	1\$100
» tremez.....	900
Cevada.....	700
Centeio.....	700
Batatas, 15 kilos.....	540
Ovos, duzia 130, cento.....	1\$100

Sal.—Vende-se actualmente em Aveiro á razão de 21000 réis o wagon. Os trabalhos marmotae atrasaram-se com as ultimas chuvas, demorando, por isso, a producção do sal novo.

ESPECTACULOS

NO CAMPO DO ROCIO

Companhia de cavallinhos.—Chegaram novos artistas do Porto que muito tem entusiasmado o publico.

A sr.ª Pilar continúa a ser alvo das atencções da rapaziada, como já o foi o anno passado.

Mr. Costa e irmãos Thereza muito applaudidos porque os seus trabalhos continuam a ser primorosos. Estes artistas criaram em Aveiro grandes sympathias, já pelos seus trabalhos, já pelo seu tracto.

Outro tanto succede com Harry Dio, outro grande artista no seu genero e que egualmente tem recebido fartos applausos tanto por um como por outro facto.

Hoje ha espectáculo, sendo os trabalhos todos variados. E' de esperar uma enchente á cunha.

Esterioscopio Onofre.—Retira em breve este bello passatempo que ahí tanto foi concorrido e admirado pelo publico.

Theatro Palet.—O sr. Joaquim Antonio de Sousa esforça-se por apresentar sempre trabalho variado e bom, tendo por isso tirado alguns resultados. Na verdade, o anymatographo que apresenta reproduz com muita nitidez e naturalidade.

ANNUNCIOS

PALHEIRO

VENDE-SE um na Costa Nova, conhecido por o palheiro do Padre Antonio Tebopin, de Ilhavo.

Para tratar com padre José Marques de Castilho, director da Escola Districtal, d'esta cidade.

Feitos quasi de graça só na

Officina de alfaiate

DO
ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL DE AVEIRO
RUA DO GRAVITO

Dirigida por Francisco Marcos de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á arte.

BAGAÇOS ALIMENTAES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

METHODO JOÃO DE DEUS

LEITURA

Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Leitura—16.^a ed., cart. 300 réis, broch. 200
Album, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 5,5000
Quadros Parietaes, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 6,5000
Segunda parte—Os Deveres dos Filhos—16.^a ed., cart., 300 réis, broch. 200
Gula prático e teórico da Cartilha Maternal—1 vol. de 170 pag., compilado por João de Deus Ramos. 160

ESCRIPTA

Arte de Escripção—(2.^a ed., melhorada), 9 cadernos com algumas explicações práticas, cada. 30

Livros de polémica sobre o Método

A Cartilha Maternal e o Apostolado. 500
A Cartilha Maternal e a Crítica. 500

Do mesmo auctor:

LITTERATURA

Campo de Flôres—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.^a ed. 700
Prosas—Coordenadas por Theophilo Braga 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.^o—LISBOA

As livrarias, municipios, institutos de ensino, etc., que requisitarem no Deposito geral das obras escolares de João de Deus mais de 20 exemplares, terão a seu favor o desconto de 20 por cento; 500 exemplares (podendo ser 250 da Cartilha e 250 dos Deveres, ou em porções desiguaes d'estes livros), 25 por cento; assim como de 1 a 9 collecções de Quadros Parietaes, ou de Albus, 20 por cento; 10 collecções, 25 por cento.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.^o (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

—DE—

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

A VEIRO

RU DE JOSÉ ESTEVÃO—79

EM TODA A PARTE OS

Armazens

Grandella

o mesmo do que

Uma succursal em cada terra da provincia!

Não precisa mandar dinheiro adiantado

Requisitar apenas catalogos ou amostras aos nossos armazens.

Fazer a escolha e pedido e pagar no correio á recepção da encomenda.

Faça-se um pedido a titulo d'experiencia

Grandella & C.^a

LISBOA

PDARI FERREIR

& MACEDO

AOS ARCOS

A VEIRO

N'ESTE estabelecimento de padaria, especial no seu genero em pão de todas as qualidades, se encontra á venda:

Pão proprio para os diabeticos, pão torrado e ralado, café de 1.^a qualidade, a 720 réis cada kilo; dito de 2.^a, a 480; chá, desde 15600 a 35600 o kilo; massas alimenticias de 1.^a qualidade, a 140 o kilo; ditas de 2.^a, a 120; vellas marca *Sol*, cada pacote, a 180; ditas marca *Navio*, a 170; bolachas e biscoitos, pelos preços das principaes fabricas da capital.

Vinhos finos e de meza, por preços modicos.

Todos estes generos se mandam a casa do consumidor á hora que o exigir.

José Monteiro Telles dos Santos J.^o



DENTISTA MECANICO

Coloca dentes e dentaduras artificiaes. Conserta qualquer dentadura partida, ou a que falta qualquer dente; obtura a ouro, prata, platina, e a cemento, tudo por preços baratos. Não se recebe qualquer quantia ficando o trabalho impellido. RUA DA COSTEIRA (Em frente da Estação de JOSE ESTEVAM)

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do matadouro de Lisboa, sangue secco e pulverisado para adubos (o mais rico em azote,) couros, sebo, e tripa a 200 réis o massô.

R. da Boa Vista, 3 — Lisboa

EMPRESA CERAMICA

DA

FONTE NOVA

DE

Mello Guimarães & Irmãos

AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marseilha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla.

Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUILTYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

E FERRAGENS

—DE—

ANTONIO FERREIRA FELIX, Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rede para vedações, alviades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO